Sobre a sinceridade: minha desistência de seguir Olavo de Carvalho

About sincerity: my giving up on following Olavo de Carvalho

ANTONIO ALVES PEREIRA JÚNIOR[1]

Resumo: O presente artigo é mais um testemunho de certa atesta uma espécie de desconversão. Trata-se de expor as razões filosóficas pelas quais o autor aqui fora motivado a desconstruir a obra e figura de um autor que, durante certo tempo, impactou a sua leitura da Filosofia.
Palavras-chave: Filosofia. Honestidade intelectual. Coragem. Desconversão. Olavo de Carvalho.

Abstract: The present article is one more testimony of a certain type of deconversion. It is about exposing the philosophical reasons why the author here was motivated to deconstruct the work and figure of an author who, for a certain time, impacted his reading of Philosophy.
Keywords: Philosophy. Intellectual honesty. Courage. Deconversion. Olavo de Carvalho.

Antes de tudo, gostaria de pedir que o leitor tomasse a seguinte pergunta como propósito base para a sequência desse texto: *o que é a sinceridade?* Neste ensaio tenho por intenção problematizar e tornar pública essa dificuldade, sobre a qual já há um bom tempo tenho refletido. A princípio, o que mais me espantou na sinceridade foi o seu caráter dualista: as pessoas em geral cobram que sejamos sinceros, mas, por outro lado, quando somos desmedidamente sinceros, acabamos por ofender, muitas vezes de forma precipitada. Disso decorre então outra pergunta: haveria uma medida exata segundo a qual a sinceridade possa ser tomada como positiva? Ou seja, que não ofenda e que agrade na medida certa? Afinal, como é que alguém poderia julgar as palavras de outrem a ponto de chegar de fato ao juízo de que ela foi sincera? Enfim, como medir a sinceridade? Diante de uma pesquisa envolta por esse tema, que é ainda pouco debatido, decidi por demonstrá-lo a partir do seu uso prático, tratando a respeito de algo que aconteceu comigo mesmo (uma aproximação imatura de Olavo de Carvalho), ao passo que isso também explica o gênero textual ensaístico que busquei trazer aqui, tendo em vista a índole de confissão agostiniana ou mesmo a autenticidade do subjetivismo de Montaigne, inaugurador do gênero *ensaio*.

Considero ser impossível medir se alguém foi realmente sincero. Cada um, subjetivamente, irá encontrar maneiras diferentes de se conceber a validade da própria realidade, de modo que há, portanto, formas distintas de se julgar o mundo e os atos dos indivíduos, assim como de se julgar se alguém foi sincero. Certamente poder-se-ia protestar que uma análise corporal das palavras ditas por alguém que

---

[1] Mestrando em Filosofia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL); psicanalista clínico; formado em história e filosofia. Pesquisa filosofia com ênfase em Arthur Schopenhauer, liberdade, idealismo alemão, fascismo, política, epistemologia e ética de Kant e Nietzsche. Tem interesse nos temas gerais da neurologia com correspondência na área de Filosofia da Mente e dentre outros temas secundários possui experiência com teologia, lógica e grego instrumental. E-mail: antonio.alves.pereira@uel.br

pretenda ser honesto e verdadeiro poderia ser decodificada para enfim bater o veredicto a julgar se ela de fato o foi. Atualmente temos até programas de computadores que conseguem realizar essa função, mas o fato é que o ser humano não é programado para saber quando está sendo enganado ou quando está diante da verdade. É certo que podemos conhecer o caráter das pessoas e, a partir de suas atitudes passadas, ou seja, de seu histórico, analisar se nela podemos confiar seguramente. Sobre isso, uma das coisas mais sedutoras da atualidade, no que diz respeito à inteligência e a intelectualidade, talvez seja estar diante de alguém que sabe reconhecer quando errou e que consegue voltar atrás em seus atos ou palavras: parece que pedir desculpas tem se tornado uma dificuldade, ao passo que esquecer tem se tornado preferível. É claro, alguns erros são irreversíveis e dependendo de quem os comete, acabam por possuir influências sociais devastadoras, pois nem todos têm o direito de serem desculpados, justamente porque foram avisados por muitos sobre o caminho errado que estavam tomando, mas ainda assim decidiram por deliberadamente seguirem em frente. Esses então, têm de pagar o preço pelos seus erros.

As atitudes sinceras parecem ser munidas de coragem. Não vejo forma pela qual alguém possa ser sincero com o mundo e com as pessoas, sem antes ter sido sincero consigo mesmo: por isso a sinceridade é inerentemente subjetiva. Ela me parece uma espécie de auto-análise do caráter, pois é muito difícil sermos sinceros, principalmente quando estamos errados. Quem quer que se arrependa de um ato passado, aparentemente, precisa ser sincero caso queira admiti-lo para outrem. E não identifico nisso apenas uma mera questão de arrependimento, mas sim de reconhecimento. Assim, não basta estar arrependido, mas disposto a reconhecer o arrependimento: daí decorre que o único agir ético aparentemente credenciado a resolver essa agrura justamente seja o *agir sincero*.

Há de se considerar que a sinceridade é não ter medo de admitir um arrependimento sobre um erro moral qualquer ou mesmo um remorso advindo, por exemplo, da prática de um crime. Um arrependimento é a mudança de conhecimento em relação a uma ação passada, já o remorso é a mordida de consciência da qual a mudança de conhecimento não é suficiente para remediar o que se sente, tendo então, de entrarmos na esfera da imputação. Tem-se, portanto, que conviver eternamente com o erro de ter agido de tal modo, por isso, o remorso nunca termina, mas o *agir sincero reconhece* essa falha: *sei e admito que sei que não posso mudar o que fiz, porque o que fiz é também o que eu sou*. Esse é o maior alargamento que se pode fazer em proveito da sanidade da própria consciência em prol de superar um remorso ou erro moral, pois a sinceridade é também o alargamento do entendimento de si mesmo a partir de um empréstimo temporário do ouvido de outrem: preciso do outro para executar a máxima do agir sincero, ou seja, *admitir a verdade independente de que ela me seja prejudicial*, mas antes de externalizá-la ao outro, tenho de sê-lo comigo mesmo, pois este referido processo de alargamento tem seu início internamente, e seu cume, exteriormente, porque ao se agir sinceramente, aquele por assim dizer chamado de *eu interior*, escuta o que está sendo exteriorizado, e nisso em si já está uma revolução: pois o interior entende isso com desconfiança e, ao ser remediado pelo agir sincero, sente-se acanhado pelo fato de que toda ação futura poderá novamente vir a ser descortinada e mostrada verdadeiramente, colocando à luz do

dia aquilo que se é, logo, tenho de saber em minha autoconsciência que não devo agir mal, para proteger a mim mesmo do meu próprio agir sincero, que agora, tornou-se uma arma voltada contra meu próprio caráter.

Quem age a partir da sinceridade perdeu o medo de si mesmo, porque aceita a vergonha que o mundo lhe pregará antes mesmo de agir sinceramente a respeito da confissão de alguma verdade que esconde ou que omite involuntariamente. Numa palavra, a sinceridade é uma ponte para a verdade de si, e um ato só pode ser julgado sincero a partir de uma autoconferência da verdade que anteriormente estava escondida. Alguém pode simplesmente perguntar-se a si próprio depois de tentar ter sido sincero: falei toda a verdade? Omiti alguma parte? Alterei algum fato fundamental visando me safar do julgamento dos outros? Agir sem que ofenda os outros e sem que com isso seja falho com a verdade, talvez só possa ser possível quando nos colocamos de modo absolutamente sincero diante de um fato pessoal passado. Assim, é apenas depois de muita ponderação e reflexão que chego ao entendimento de saber exatamente o que se passou comigo, e por conta disso, eu mesmo posso analisar o quanto de verdade exponho e o quanto omito, embora na escolha de não se omitir nada, não possa prever em que medida as pessoas atingidas por meu discurso sincero irão se sentir agradadas por mim ou se revoltarão contra mim. Mas esse mesmo entendimento de si e autonomia intelectual já fizeram dessas possíveis situações de bem ou de mal-estar, situações irrelevantes e sem importância, que não podem afetar de modo algum o caráter daquele que age sinceramente. Numa palavra, não lhe preocupa o que os outros pensam sobre o que diz, mas apenas dizer para se livrar do que lhe sufoca: é como se colocar de bom grado a própria ingenuidade intelectual no tribunal de júri, já tendo previamente aceito qualquer sentença.

E enfim, se fui sincero e totalmente honesto sobre um fato pessoal passado, mas ainda assim desagradei meus ouvintes, julgo que isso pouco tenha valor, porque me parece muito mais valioso não mentir para si mesmo do que dar ares dóceis para fatos hostis, não por uma mera questão de gosto, mas pelo valor ético de se ser honesto consigo mesmo, já que, sem tal coisa, como poderiam os outros confiar em mim? Portanto, quando desconsidero o quanto meu discurso irá desagradar os outros, e coloco em primeiro lugar a justiça para comigo mesmo, tenho em mente, justamente o fato de que ninguém poderá confiar em mim caso nem eu mesmo seja honesto comigo, por isso, se minto para mim em proveito do bom grado aos outros, é porque estou disposto a que eles vejam a falsidade do que eu sou, e não a verdade do que eu sou. Por isso, a sinceridade é como um *método* para se contar uma história pessoal, uma espécie de concessão permissiva em relação a uma verdade que será dita, onde ao mesmo tempo em que se fala se atribui direito ao ouvinte em nos julgar como quiser, mesmo que esse julgamento nos soe totalmente prejudicial ou desmoralizador, o que nomeio de *sincericídio*.

De modo geral, creio que um método assim deveria ser colocado como o ideal para se escrever autobiografias, não para que elas soem como autopromoções de uma vida cheia de aventuras e acontecimentos invejáveis ou repulsivos, mas para que desperte no mundo um exemplo de luz iluminadora, ao passo que ser sincero, analisando de maneira ampla, não parece ser apenas uma benesse para o autor da sinceridade, mas também para o mundo inteiro, já que se pudéssemos ter a certeza

de que todos se esforçam ao máximo por serem sinceros teríamos um mundo com menos mentiras, decerto uma opinião um tanto idealista de minha parte, o que tenho de *sinceramente admitir*. E ironicamente, dentro dessa perspectiva, a sinceridade que parece um conceito demasiado abstrato (já que para utilizá-la bem é preciso muita ponderação e reflexão sobre si) passa a ter um valor prático. Mas um mundo com poucas mentiras seria um mundo impossível. Afinal, se não houvesse mentiras, refletir sobre a verdade não faria o menor sentido.

O máximo que alcancei até agora sobre uma opinião sistematizada da sinceridade como um argumento filosófico encontrei em Sartre, que crê na sinceridade como "uma tarefa irrealizável" e que "ser sincero é simplesmente ser o que se é" (SARTRE, 2014, p. 109). De acordo com o autor existencialista, uma das formas de se demonstrar que a sinceridade é impossível, é compreendendo que "a estrutura da sinceridade é igual à da *má-fé*, uma vez que o homem sincero se faz o que é para não sê-lo" (*idem*, p. 112). A *má-fé* é um conceito central da obra *O ser e o nada* e que diz respeito a alguém que nega sua liberdade preferindo comportar-se como objeto ou como coisa. A má-fé, segundo Sartre, é algo como mentir para si mesmo: "A má-fé tem na aparência, a estrutura da mentira. Só que [...] na má-fé eu mesmo escondo a verdade de mim mesmo. Assim, não existe neste caso a dualidade do enganador e do enganado" (SARTRE, 2014, p. 94). Em linhas gerais, Sartre estipula que o objetivo da sinceridade é fazer com que eu confesse o que sou exclusivamente para coincidir com o meu próprio ser, desse modo, havendo no fundo da sinceridade um *jogo de espelho* (Cf. SARTRE, 2014, p. 113).

Posso concordar apenas parcialmente com a visão de Sartre. Para desenvolver esta dificuldade e para tornar claro minha exposição ao leitor, quero tomar como exemplo a minha própria pessoa, o que, aliás, é o que tive por intenção em fazer de maneira pormenorizada mais abaixo, em que exponho uma confissão pessoal sobre a minha adesão ao olavismo. Pois bem, tendo isso em mente e também as ideias de Sartre sobre a sinceridade, eis o motivo pelo qual só posso concordar com ele parcialmente: em primeiro lugar creio que o filósofo francês esteja certo quando demonstra que o homem sincero *se faz o que é para não sê-lo*, numa palavra, a minha própria confissão a respeito de minha aventurança na doutrina de Olavo de Carvalho — que hoje enxergo com total repúdio — é uma clara tentativa pessoal (mas não apenas isso) de demonstrar o que eu já não era, mas ainda não admitia: quando confesso que li e idolatrei Olavo de Carvalho por um tempo no meu passado, faço isso porque quero demonstrar o que sou (e já não era): ou seja, eu sou agora o homem que suporta e aceita de bom grado — *admitindo-se sinceramente enquanto tal* — a alcunha de ex-olavista, e a partir do momento desta confissão, deixo de sê-lo, tornando-me o que sou (alguém que admite ter sido um olavista, mas que antes de ser sincero não admitia). Daí a percepção de que só sou o que sou *depois da efetividade do ato de sinceridade*, o que Sartre não parece deixar claro, deixando na sinceridade apenas uma aparência negativa.

Disso decorre o que diz respeito à parte sobre a qual não posso concordar com Sartre, pois quando ele considera a sinceridade como um "fazer-se o que se é para não sê-lo", a meu ver isso ganha também uma conceituação demasiada abstrata, aparentemente com pouco valor prático e intuitivo: como se ser sincero não possuísse nenhum fundamento de valor moral. Eu por outro lado, creio numa moral prática,

empírica e não exatamente formal e imperativa, por respeito à lei ou ao dever abstrato, como, por exemplo, estipula a fundamentação da metafísica dos costumes kantiana, assunto que se aqui fosse abordado em seus pormenores extrapolaria minhas intenções, portanto, o levanto apenas com propósito contrastivo, obviamente, sem intenção alguma de aproximá-lo de Sartre, e para enfatizar que não posso conceber a sinceridade apenas em conceito, mas também com valor empírico e positivo.

Assim, para finalizar este assunto, entendo a sinceridade como tendo um papel central tanto para a conduta de vida, quanto para o bom exemplo admitidamente prático. Para compreender melhor isso, creio ser preciso colocar na sinceridade ares de esperança corajosa, como quem almeja constantemente o ato de enfrentar-se a si próprio sem nenhum temor e que a partir disso possa ter audácia de sempre se estapear no *jogo dos espelhos*, como diz Sartre. Em conformidade com tudo isso, acredito ser possível chegar em tal ponto onde se passe a ter uma vida completamente sincera, sempre suprimindo os próprios malgrados diante do tribunal público e tornando-se aos olhos do mundo aquilo que se é aos próprios olhos, porém, sem nenhum medo de ser o que se é. Afinal, embora se envergonhe de partes do seu próprio passado, tal pessoa agora entende o valor de ter se empenhado em alterar a significação que tem a respeito dele, ao passo em que dele se orgulha e dele nada mudaria se assim possuísse poder de fazê-lo: este é o ponto exato em que a sinceridade alcança genuíno aspecto moral e torna-se sinceridade para si e, consequentemente, sinceridade para o mundo.

Na sequência pretendo utilizar-me da sinceridade que expus acima, levando em conta um objetivo totalmente impessoal. Como já dito anteriormente: aquele que se coloca diante do público tendo na ponta de seu discurso a absoluta sinceridade já aceitou previamente as críticas que possivelmente irá receber — justamente porque já as calcula a partir de se colocar no lugar da percepção dos receptores da mensagem —, mas também gostaria de acrescentar que o caráter impessoal do que pretendo dizer está no próprio objetivo do discurso, pois julgo que o que tenho a dizer é muito mais um conselho salutar para os outros do que uma vantagem pessoal para mim, porque se eu nada dissesse, também nada perderia. Estou ciente do quão excêntrico é esta intencionalidade textual, mas também tenho a plena certeza de que as palavras a seguir podem retificar e aumentar o entendimento sobre o fenômeno político do olavismo, que, quer queira ou não o leitor, é muito relevante no cenário político brasileiro atual: e se é relevante, creio eu que a filosofia não pode se dar ao luxo de negligenciá-lo. Mas sobre isso retomarei com mais profundidade ao final do ensaio.

O meu encontro com as obras de Olavo de Carvalho durou cerca de um ano. Lembro que havia tomado como objetivo pessoal a leitura de todas as suas obras, cheguei a ler seis delas: eu estava certo que se continuasse com isso teria mais autoridade para o debate político e que isso me faria alguém mais inteligente. Olavo de Carvalho parecia satisfazer meus anseios, porque me entregava várias respostas para questões que sozinho eu não conseguia responder (ou que talvez, na verdade, nem houvesse respostas). Devo dizer que essas questões são principalmente essas: α) Por que a política brasileira parece tão infernal? Haveria culpados? β). Se há algum culpado, como eu poderia combatê-los visando ajudar o Brasil?

As respostas do guru eram permeadas pelo seguinte teor argumentativo: há no mundo uma tendência global de dominação que teria começado desde o Império

Romano e as esquerdas atuais teriam se apropriado, principalmente as esquerdas que alcançaram o poder na primeira metade do século XX, incluindo nesse grupo (sem nenhum problema histórico e conceitual) os próprios nazistas e os fascistas, o que é um absurdo sem tamanho. Além disso, os esforços das esquerdas atuais seriam em justificar as atrocidades da URSS "em nome de uma utopia humanitária" (CARVALHO, 2015, p. 138), porém, sempre tendo em vista uma dominação global, decorrendo daí, a concepção de que, assim como as esquerdas concebem poucos capitalistas como detentores da maior porcentagem do capital mundial, na lógica do guru, alguns desses maiores capitalistas mundiais (porém extremistas democratas, como, por exemplo, George Soros) estariam envolvidos em um empreendimento para dominar e subjugar toda a terra por meio de programas com pautas sociais como a distribuição de renda, o aborto, a liberação das drogas, a diminuição da criminalidade, etc., todas absurdas sob a ótica do guru.

O grande problema disso tudo, que hoje vejo, mas antes não via, é que gurus como Olavo de Carvalho ao discutirem pautas que são de difícil resolução em qualquer lugar do mundo e que evidentemente causam diversos embates éticos que devem ser amplamente debatidos levando-se em consideração cada contexto específico, tratam superficial e inflexivelmente questões difíceis, sem o espírito socrático de se admitir que não se pode saber tudo; ao contrário, batem o veredicto antes mesmo de ouvirem o tribunal: assim, todo ladrão deve ser reprimido socialmente, todo aborto condenável e toda política que reflita sobre as drogas, abominada. Não há meio termo e nem gradação de justiça, trata-se de um dogmatismo puro, e, aliás, em alguns casos, assumida e orgulhosamente medieval.

Disso decorre que depois de ter dado nome aos culpados pelos males do mundo, tem-se então o modo de combatê-los: condenar, apontar e cancelar. A luta é dada em primeiro lugar no campo das emoções. O combatente crê com toda sua intelectualidade que está investido da extrema verdade, e, a partir disso, dispõe-se a debater com qualquer um sem nenhum medo e de forma inconsequente, normalmente atacando pessoas e cancelando reputações, sem fazer questão alguma de qualquer aprofundamento teórico: por exemplo, se a crítica vem de alguém que trabalha dentro das universidades, isso em si já é um prato cheio para o contra-ataque olavista, já que uns dos culpados pelos problemas do mundo seriam justamente os teóricos emergidos nas universidades, que segundo o guru, são todos comunistas, gente da pior índole que se possa imaginar. O mesmo se aplica caso a crítica venha de um político, de um sindicalista ou mesmo de um cientista que se coloque a esclarecer sobre o aquecimento global, que é mais uma coisa que Carvalho não acredita ser verdadeira e que inclusive diz ser "a mãe de todas as fraudes" (CARVALHO, 2009).

Postas essas colocações resumidas sobre todo o problema que ronda o olavismo, quero expor que a minha aproximação deste guru tenha se dado especificamente por *busca de aceitação social*, e talvez esteja aí, um ponto de onde o leitor poderá tirar uma lição, não apenas para si mesmo, mas para compreensão geral do cenário político brasileiro atual.

Eu quis o meu lugar de destaque entre meus amigos e família, círculos esses donde emergiam aplausos a Jair Bolsonaro, que na época ainda não era Presidente da República, mas que já há tempos seduzia grande parte dos brasileiros com suas falas sempre vulgares, numa espécie de junção de político com bobo da corte. Eis que

Olavo de Carvalho, um dito filósofo de primeiro escalão, vivo, escrevendo para o presente e aparecendo esteticamente em meio à fumaça de seu cigarro (o que é importante para seduzir e criar autoridade na cabeça de pessoas ingênuas), conquistou-me até o ponto em que cheguei a seus livros. Eu, que já tinha desde cedo aptidões filosóficas e já tinha me afundado em obras de Platão, Machado de Assis e na própria Bíblia, tinha a partir desse momento a meta de entender Olavo de Carvalho, aquele de cuja boca tudo o que saia ou de cujos textos tudo o que lia me parecia extremamente verdadeiro e inquestionável.

A quebra desse processo aconteceu quando li a obra *Como vencer um debate sem precisar ter razão*, que trata de comentários a respeito da *Dialética Erística* de Arthur Schopenhauer. Nessa obra, Olavo de Carvalho pôs-se a comentar cada um dos estratagemas elaborados pelo filósofo alemão do século XIX, a fim de demonstrar sua fragilidade e perversidade. Lembro-me que ao terminar essa leitura caí em mim: seria de fato verdadeiro que um guru brasileiro fosse capaz de desbancar Arthur Schopenhauer, filósofo que até então, para mim, tinha apenas um peso significativo em seu nome? Isso parecia tarefa demasiada pretensiosa por parte de Olavo de Carvalho.

Ora, todos que se interessam por filosofia já haviam ouvido falar qualquer coisa sobre o pessimismo de Arthur Schopenhauer. Nessa mesma época, decidi que também deveria ler Schopenhauer, ao invés de conhecê-lo apenas através das palavras de Olavo de Carvalho. Um ponto de virada. E eis que a partir desse momento, um novo futuro abriu-se diante dos meus olhos e tudo o que havia consumido sobre Olavo de Carvalho começou a me parecer duvidoso. Schopenhauer foi como uma bomba devastadora e tudo que eu havia lido até então me pareceu pequeno: a missão de ler todas as obras de Carvalho foi imediatamente abolida e li os dois tomos d'*O mundo como vontade e como representação* e ainda outras obras de Schopenhauer em menos de seis meses. Depois prossegui empenhado: meu trabalho de conclusão de curso em filosofia foi sobre a *Quadrúplice Raiz* de Schopenhauer, além de outras publicações sobre o filósofo a partir de estudos incessantes e até mesmo apaixonados, e, também vale mencionar, que no meu curso de história, comecei a pesquisar sobre o fascismo, chegando até a escrever um artigo sobre isso, buscando esclarecer que de forma alguma este pode ser um movimento de esquerda, como Olavo de Carvalho tentava me ensinar. E foi assim que finalmente compreendi todas as balelas que ouvia do guru e o quanto fui tolo por me satisfazer com as migalhas dos aplausos que vinham da minha vida social.

A minha conclusão a respeito da minha própria confissão (e oxalá possa servir de algum modo aos olhos dos leitores) é a seguinte: sempre que alguém se perceba seduzido por um autor, estará acertadamente em um terreno arriscado, porque em seu contrário haverá outros tão sedutores quanto, mas temos de julgar os autores pelo seu rigorismo conceitual argumentativo e não pelo seu poder de persuasão. Talvez o melhor seja não acreditar em ninguém já que as filosofias vigentes são absolutamente potentes para o tempo presente. E isso acontece talvez porque elas possuem o inerente poder de conversarem facilmente com os entes contemporâneos de uma forma bastante viva, informal e clara, porém, nem sempre honesta. Se se busca a inclusão no próprio meio, ou ainda pior que isso, o destaque e a liderança no próprio meio, certamente irá se alcançar a partir do momento em que se empenhar em

reproduzir as mesmas ideias que ali vigoram. Por um tempo alcancei este posto entre meus amigos e familiares, no entanto, coloquei-me disposto a agir de maneira sincera, e tudo o que aparecia diante de mim coloquei a prova junto com o montante das verdades que julgava serem inquestionáveis. Essa atitude fez-me emergir imediatamente para um local totalmente diferente, com menos aplausos, porém mais apto para ver brilhar a verdade, sendo essa, entendida aqui, como aquela que é sempre mais difícil de ser alcançada, pois para isso é preciso a sequência ininterrupta de ardilosos estudos e o desvinculo total dos discursos eloquentes apresentados pelos gurus do momento.

Por fim, gostaria de atribuir a Olavo de Carvalho, exatamente o mesmo que ele concebe a respeito de Karl Marx, não em prol de defender o marxismo, até porque não me considero marxista, mas sim para que simplesmente a verdade seja dita. O guru diz o seguinte: "Marx censura no capitalismo um defeito que não está necessariamente no capitalismo, mas que está nos esquemas mentais subconscientes ou inconscientes do próprio Marx" (CARVALHO, 2015, p. 151). Pergunto-me então: a censura feita por Carvalho, não apenas ao socialismo ou aos regimes de esquerda, mas a toda e qualquer política humanitária ou mesmo a qualquer princípio humano que não sejam condizentes com a ideologia ultraconservadora e católica que ele prega, seriam o que além de "esquemas mentais subconscientes ou inconscientes" do próprio Carvalho?

Também, acrescento que o que Olavo de Carvalho diz sobre José Américo Motta Pessanha no seu livro *Jardim das Aflições* vale tanto para ele quanto julgou valer para Pessanha. Ou seja, que se Pessanha queria uma "reforma da inteligência brasileira", a "instauração de uma nova cultura de crenças" que pela repetição acabaria por se tornar um consenso aproveitando-se da "ignorância das plateias novatas" (CARVALHO, 2015, p. 365-366), também quis exatamente essas mesmas coisas.

Portanto, para mim, Olavo de Carvalho é sem dúvida o mais revolucionário dos conservadores. Ao elaborar sua absolutamente questionável tese do *marxismo cultural*, fez surgir também o *olavismo cultural*[2], sendo este último muito mais real do que o primeiro, pois a fim de conservar o passado, pretende constantemente mudar o futuro: não para aquilo que já foi um dia uma aparente ordem, mas sim para o caos total que é também o principal alimento de sua autopromoção. Em meio a isso tudo, emerge uma verdade que julgo estar acima de todas: o mundo nunca foi

---

[2] Gostaria aqui de aproveitar a oportunidade para elogiar a excelente pesquisa realizada pelos jornalistas e pesquisadores Álvaro Borba e Ana Lesnovski, fundadores do canal no Youtube, *Meteoro Brasil*. Esses dois foram responsáveis também por organizar uma obra intitulada *Tudo que você precisou desaprender para virar um idiota*, parafraseando uma das mais populares obras de Olavo de Carvalho, ou seja, *Tudo que você precisou aprender para virar um idiota*. Entre as tantas refutações feitas na obra de Borba e Lesnovski, uma delas que julgo ser bastante importante para qualquer pretensão acadêmica que queira avançar em futuras pesquisas que tomem por empreendimento a maior compreensão do fenômeno do olavismo diz respeito à influência de Olavo de Carvalho no *perenialismo*, que aqui deixo citado apenas a título de compêndio: "É no *perenialismo* que o conspirador [Carvalho] busca suas justificativas espirituais (ou psicológicas) para combater obcecadamente à esquerda no Brasil contemporâneo [...] as bases do perenialismo foram dadas por René Guénon na primeira metade do século XX" (METEORO BRASIL, 2019, pp. 128-129). Vale destacar que na citação consta *Meteoro Brasil*, ao invés do nome dos autores, porque na época em que lançaram o livro, por motivos óbvios, os autores ainda guardavam sigilo em relação as suas identidades. Também por isso, nas referências bibliográficas ao final deste ensaio, referi-os exatamente como no livro consultado e não por seus nomes, como fiz mais acima, nesta nota.

tranquilo e a política não anda para trás e jamais filósofo ou filosofastro algum será capaz de resolver o que julga serem os problemas da humanidade.

Se tomarmos como verdadeira a opinião de Schopenhauer no libelo *Sobre a filosofia universitária* aplicada ao contexto brasileiro, chegaremos a uma enorme contradição. Para Schopenhauer, de um lado encontra-se a filosofia não acadêmica, detentora da verdade, composta por filósofos que tomam a filosofia como um fim em si mesmo e sem qualquer intenção prévia ou meta assumida. Do outro lado, há a filosofia como profissão, sendo praticada como meio de subsistência e ganha pão, com fins muito bem estabelecidos: estimular opiniões que estejam de acordo com o Estado, almejando status e prestigio pessoal.

Qualquer um que passe cuidadosamente à vista essa opinião chegará à conclusão de que no contexto do Brasil atual, diferente da Alemanha da época de Schopenhauer, perceberá que isso não se aplica de forma alguma. Basta perceber que a grande maioria dos professores universitários brasileiros não estão em canais do Youtube ou com extrema presença nas redes sociais visando reconhecimento (como estava Olavo de Carvalho). Por outro lado, pensadores que são críticos à universidade aparecem em constantes escândalos políticos, esforçam-se por espaço em púlpitos inerentes às polêmicas, e em vários casos saindo em total defesa do Estado, que atualmente é absolutamente antiuniversitário e contrário à ciência em geral. Para se ter um bom exemplo disso, basta que se atente ao mais candente deles, a saber, o fato de o governo atual ter agido por meses de modo contrário a vacinação em relação à pandemia do coronavírus, mas em favor da Cloroquina, um remédio sem eficácia alguma contra o Covid-19 (BBC, 2021). Essa militância anticientífica fundamentada a partir de conspirações que acusam as políticas de oposição — como os comunistas do governo chinês ou qualquer um que se proclame minimamente apto ao progressismo — de serem detentores de toda a maldade do planeta Terra, que, aliás, muitos dos filosofastros fora da universidade consideram ser plana[3].

Há de se destacar também, que a recusa da ciência que parte do próprio Presidente e também absurdamente dos maiores representantes do Ministério da Saúde são defendidas e massivamente reproduzidas por diversos filosofastros nas redes sociais. Um retrocesso intelectual sem igual e certamente uma das maiores demonstrações de estupidez em todo o mundo.

Schopenhauer considerava que a filosofia que busca apenas a verdade deveria ser independente de qualquer religião e não ter o Estado como sua aliada ou como seu protetor[4]. No Brasil da atualidade acontece exatamente o oposto: são os filosofastros fora da instituição acadêmica que são defensores e também defendidos

---

[3] Os ditos *terraplanistas*, conhecidos como *flat-earthers* em inglês, que, diga-se de passagem, Olavo de Carvalho também parecia possuir aptidões.

[4] No ensaio *Sobre a filosofia universitária* do primeiro tomo da obra *Parerga e Paralipomena* (doravante referido como "PP I" e "PP II" para citações do primeiro e segundo tomo respectivamente) Schopenhauer faz uma distinção entre a *filosofia pura* e a *filosofia aplicada*. A primeira "não conhece nenhum outro fim a não ser a verdade" e sua meta seria a "satisfação da nobre carência humana, chamada de carência metafísica". Já a filosofia aplicada, seria "alugada para fins do Estado" (PP I, 2009, p. 175) para defender uma metafísica já existente, que seria promovida pela religião, ou seja, "a metafísica do povo" (*idem*, p. 168). E para ratificar minha afirmação, há de se compreender que Schopenhauer embora seja crítico da religião, ou seja, a metafísica do povo reconhece nela certo valor ao tratar da *necessidade metafísica do homem* (Cf. MVR II, cap. 17).

pelo Estado e os filósofos que trabalham na academia que são constantemente atacados e nem sempre apenas com palavras, mas também com cortes de verbas para ampliação de pesquisas científicas: basta que se lembre dos cortes feitos na CAPES e no CNPq desde a ascensão do governo eleito em 2018 (APUFSC, 2020). Por outro lado, é visível que charlatões como Olavo de Carvalho recebiam altas quantias de dinheiro dos maiores empresários ligados ao governo para, por exemplo, conseguir quitar a indenização em condenação por ofensas feitas ao cantor Caetano Veloso. (VEJA, 2020; ESTADÃO, 2020).

Sem dúvidas, a opinião de Schopenhauer a respeito da docência filosófica é elitista: nem todos podem ter como ele teve o privilégio de viverem exclusivamente *para a* filosofia. Uma conclusão decorrente desse entendimento possui correspondência na concepção schopenhaueriana da *ociosidade*, o qual aparece em diversos trechos de sua obra. Aqui gostaria de destacar apenas um deles, encontrado no segundo tomo dos *Parerga e Paralipomena* sobre "um povo composto unicamente por camponeses", o qual "inventaria pouca coisa", no entanto, por outro lado, "*mãos ociosas* geram cabeças ativas" e assim, "as artes e a ciências são elas mesmas filhas do luxo e pagam sua dívida" (PP II, 2013, § 125, p. 263 – grifo meu).

Sobre Olavo de Carvalho, o que sabemos seguramente sobre o seu passado, é que não chegou a cursar nem mesmo os anos finais do ensino médio e que jamais se aproximou de adentrar qualquer instituição universitária. Sobre isso cabe uma consideração importante: a meu ver, não há nenhum impedimento para que se seja um entusiasta ou mesmo alguém muito esclarecido em qualquer área da Filosofia, mesmo sem ter um diploma. Pensando de maneira prática, a ação filosófica consiste em ler, escrever, dialogar e observar o mundo, algo que evidentemente pode ser encontrado e feito em qualquer lugar, embora nem todos possuam a mesma paridade de oportunidades e condições, como teve Schopenhauer, por exemplo. Mas vale destacar que é óbvio que Olavo de Carvalho não era um homem ingênuo ou com pouca instrução intelectual, na verdade, era esperto o bastante para calcular cada um de seus movimentos e sagaz o suficiente para auto-analisar a impressão pública de suas alegações, visando sempre o proveito de sua própria imagem. Podemos compará-lo com um cantor ruim, mas que faz sucesso por conta do seu carisma ou por conta de sua irreverência nos palcos. As pessoas em geral, parecem serem atraídas por coisas que fogem da regra, assim, se um cantor ruim pode fazer sucesso (porque pessoas não julgam a técnica de canto, mas a irreverência e a qualidade estética e imagética do artista), um filósofo que não tem seriedade em sua metodologia, também pode fazer, porque o público não julga os seus argumentos a partir de empregos de silogismos, mas de forma rasa, tomam um juízo positivo por conta da sua forma excêntrica de se posicionar e sua coragem de atacar.

Como já colocado mais acima, Olavo de Carvalho jamais sequer chegou perto de ingressar qualquer universidade, o que inerentemente já torna questionável todas as suas incisivas críticas a elas, sendo a principal delas a que diz respeito ao suposto fantasma do *marxismo cultural*, que segundo seu entendimento, rondaria todo o espírito universitário de todos os professores de filosofia do Brasil e de outros países do mundo. Sobre isso, gostaria de destacar um ponto importante: em 2019, a ANPOF fez um levantamento sobre a presença de Marx nos 47 programas de pós-graduação de filosofia nas universidades públicas do Brasil. O resultado do levantamento

mostrou o seguinte: apenas 2,3% das disciplinas ofertadas pelos programas foram sobre Marx e expandindo a pesquisa para referências bibliográficas esse número subiu apenas para 3,5% (ANPOF, 2019). A conclusão é óbvia: a filosofia universitária do Brasil não é de forma alguma marxista, algo que o brasileiro em geral, e principalmente os seguidores de Olavo de Carvalho que se julgam superiores por estarem fora da universidade, tendem a crer com facilidade. Mas para seguir uma reflexão ainda mais ampla nesse sentido, no caso de apresentarmos esses dados a um olavista, deve-se esperar o óbvio: certamente diria que os dados são forjados pelo próprio mundo universitário, de onde a pesquisa foi evidentemente feita. Não é fácil lidar com essa gente.

Mas ainda que essa pesquisa da ANPOF seja reveladora e nos de abonos bastante satisfatórios para uma maior ampliação da crítica ao dito marxismo cultural, creio que temos de reconhecer que Marx seja um dos filósofos mais estudados durante o período de graduação, porém, não vejo isso como negativo. Ao contrário disso, qualquer um que se coloque a julgar de maneira não-emocionada, portanto, racional, irá logo chegar à conclusão de que estudar minimamente a obra de Marx é requisito mínimo para combatê-la, além disso, a importância desse filósofo para todo o contexto europeu em geral é inegável.

Ao que parece, a Olavo de Carvalho faltou maturidade intelectual para entender isso. Ou talvez essa maturidade seja propositalmente velada em prol de causar aplausos numa plateia que já o idolatra exatamente por ser incisivo, aparentando ares de uma performática criticidade que na realidade não existe. A verdade deve ser dita: o público que consome Olavo de Carvalho, em sua grande maioria, não entende e nunca buscou entender absolutamente nada a respeito da filosofia universitária ou sequer entende como funciona um programa de pós-graduação de ciências humanas. Essas pessoas acreditam em um guru que lhes dá a sensação de estarem vendo um mundo nunca antes visto, onde se revelam e se justificam todos os causadores e responsáveis pelos males e malgrados políticos e sociais da humanidade. Ouvir um discurso de Olavo de Carvalho é, com certeza, um teste para colocar à prova o significado da palavra *verdade*, pois esta é dissolvida em meio a conspirações e informações duvidosas.

Referências

CARVALHO, O. *Jardim das aflições — de Epicuro à ressurreição de César: ensaio sobre o Materialismo e a Religião Civil*, Campinas: Vide Editorial, 2015.

METEORO BRASIL. *Tudo que você precisou desaprender para virar um idiota*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

SARTRE. J-P. *O ser e o nada — ensaio de ontologia fenomenológica*. Trad. de Paulo Perdigão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SCHOPENHAUER, A. *O mundo como vontade e como representação,* Tomo II. Tradução de Jair Barboza. São Paulo: UNESP, 2015.

_____. *Parerga y Paralipómena I*. Trad. de Pilar López de Santa María. Madrid: Editorial Trotta, 2009.

_____. *Parerga y Paralipómena II*. Traducción de Pilar López de Santa María. Madrid: Editorial Trotta, 2013.

Outras fontes

A história de Bolsonaro com a hidroxicloroquina em 6 pontos: de tuítes de Trump à CPI da COVID: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57166743 <23/02/2022>.

Disputa judicial entre Olavo de Carvalho e Caetano Veloso: https://veja.abril.com.br/cultura/os-bastidores-da-disputa-judicial-milionaria-entre-olavo-e-caetano/ <acesso em 18/01/2022>.

Governo corta verbas do CNPq: https://www.apufsc.org.br/2020/09/11/para-cumprir-teto-de-gastos-governo-corta-pela-metade-orcamento-do-cnpq-no-ploa-2021/ <acesso em 18/01/2021>.

Levantamento da ANPOF a respeito das pesquisas marxistas: http://www.anpof.org/portal/index.php/pt-BR/artigos-em-destaque/2132-levantamento-feito-pela-anpof-indica-baixa-presenca-de-ensino-de-marx-nas-pos-graduacoes-em-filosofia-no-brasil <acesso em 18/01/2022>.

Luciano Hang pede doações para ajudar Olavo de Carvalho: https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,hang-pede-que-empresarios-deem-dinheiro-a-olavo-de-carvalho-para-continuar-lutando-pelo-brasil,70003327593 <acesso em 18/01/2022>.

Texto de Olavo de Carvalho sobre o aquecimento global: https://olavodecarvalho.org/a-mae-de-todas-as-fraudes/ <18/02/2022>.

Submissão: 23. 02. 2022 / Aceite: 30. 04. 2022